

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Editorial e administrativo  
AVENIDA BRASIL, PRATANA N.º 281  
(Antigo Ladrão do Correio, 2)

Número avulso  
Ano

ASSINATURAS:

\$200 -- Semestre 5000  
10000 -- Pacote: 12 exemplares 2500

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Rodolfo Felipe  
CAIXA POSTAL 195 — S. Paulo (Brasil)

Forçando a aprovação da lei monstro, as instituições do governo inventam "complots" e fazem de uma pacífica reunião de alguns operários, numa casa de família, uma insurreição capaz de determinar a prontidão de todas as forças armadas... — Como são ridículos os governantes...!

## A SERPENTE VERDE

As declarações do sr. Flores da Cunha, a propósito dos acontecimentos provocados em São Sebastião do Cay, no Rio Grande do Sul, pela fanfarronice dos camisoleiros do sr. Plínio Salgado, vem demonstrar a descepção dos governantes e políticos com relação ao movimento integralista, que os chefes encamisados vendiam na proporção de 1000%, aumentando, para os trouxas, a ordem numérica dos seus aderentes, de uma forma que os faria corar se tivessem vergonha.

Vendo que nada podem esperar desse movimento de retórica pliniana, pois o povo brasileiro tem o pelo, com demonstrações categoricas, essa estupidez com que a burguesia pretende assegurar os seus privilégios, os governantes e intelectuais, que alimentaram no próprio solo a serpente verde, estão agora colhendo os frutos do apoio que vinham prestando ao integralismo.

Temos afirmado, mais de uma vez, que as hordas do fascismo se compõem de indivíduos despidos de sentimentos, calígines sem personalidade, mercenários que obedecem cegamente, sem mesmo se dar ao trabalho de pensar se as ordens que lhes dão constituem crimes de toda a espécie.

Justifica-se, portanto, a repulsa do povo brasileiro a essa horda de automatas imbecilizados.

Já temos a experiência materna do que representa o fascismo: o machado de Hitler e os fusilamentos de Mussolini, demonstram bem o que espera aos homens livres se a serpente verde consegue desembalar-se do envolvimento que germinava tão baixo das instituições governamentais...

## Ateísmo

Tenho visto o produtor, os camponeses e os operários viver nas maiores privações; tenho visto o trabalho nos lugares e a ajetosidade nos palácios; tenho visto a mentira transfigurada e a verdade encoberta; tenho visto a cobardia em liberdade e o valor no cativeiro; tenho visto a vergonha, a duplicitade e a ignorância elevidas ao púlpito e a franqueza e a honestidade no júri. Tudo isto tenho visto, todas estas injustiças tendo testemunhado e ante tanta infâmia a tua compreensão mudou e mudou atez e indiferente às heresias mais mafiosas e às mais meninas e suas intenções.

Fronte de tais acontecimentos responde-me a descrença num suposto providencioso deus.

## "RÍDE, PAGLIACCI!"

Já estamos em pleno carnaval. Reina a folia.

O rei Momo, que andava de moletas e estava reduzido a pão e laranjas, vai este ano, amparado pelo braço protetor do Estado, fazer umas piruetas maiores ou menos artificiais para ver se consegue distrair o povo, que anda por ai metido numas trépicas que tiram o sono aos pacatos burgueses, fazendo greves e manifestando a sua revolta contra os governos e contra o capitalismo.

Os atuais detentores do poder descobriram na monstruosidade patológica de Nero, a quem o povo de guerreiros da antiga Roma pediu "pão e circo", um genio digno de ser imitado. Tomados de "carinhosas" simpatias pelo povo, procuram os governantes fazê-lo esquecer as misérias da vida proporcionando-lhe a pagodeira do carnaval.

Os impostos estão subindo; os aluguelos de casa aumentam em consequência das excessivas contribuições fiscais que a ganância dos senhores expira na proporção de 200%; os gêneros alimentícios estão encarecendo de tal maneira, que a perspectiva de miseria faz antever as más sombrias tragédias e os maus tétricos quadros de angústia proletária. Nada disso, porém, importuna os homens de governo, nada disso tem importância!

Concientes do seu papel de fargantes, pensam distrair o povo, enganar-lhe a fome, fazendo-o participar da loucura coletiva desses três dias de pagode, de éter e serpentinas, de máscaras e fantasias alegóricas.

Não se querem convencer que Momo é um deus passadista, um deus destronado pela paixão das coletividades humanas arrastadas ao desespero pelas iniquidades do regime burguês e à luta contra os mistificadores que há vinte séculos veem explorando a sua bôa.

As três figuras centrais do carnaval, Arlequim, Pierrot e Colombina, são genuinamente burguesas, pertencem a uma sociedade que agoniza. Arlequim, conquistador e fanfarrão, chocanhando os gulos de uma glória pantomímica, intrínguento e multicôr, encontra expressão numa sociedade onde o amor se vende e os sentimentos se prostituem; Pierrot, o caricato Pierrot triste e romântico, é um produto legítimo da morbidez do ambiente de falsidades, desenganos e ilusões de uma vida fictícia criada pela estupidez dos preconceitos burgueses.

Resta-nos Colombina, legítima filha do artificialismo e da corrupção burguesas, que se veste na recatada sala de um "boudoir" de sonho e de ilusão e despe-se com a maior semi-cerimonia nos salões vertiginosos dos cabarés, ao espousar das garrafas de champanhe ou ao som de um "fox-trot" canhão.

Em torno dessas três figuras carnavalescas movimentam-se algumas fagocetas maiores ou menos corrompidas, maiores ou menos fiéis ao habilidoso puxar dos cordões por detrás dos bastidores.

Mas tudo isso pertence ao passado. Uma única figura merece ainda alguma consideração: é a figura irresponsável do palhaço que vi loucamente, estupidamente, numa demonstração trágica da sua íntima tragédia.

É merece comiserção porque, sendo um produto ilíodo da traição sentimental, comprehende assim o seu triste papel numa sociedade de degenerados e por se achar por ter adquirido o hábito de fazê-lo, por desempenhar na comédia humana esse papel; é o efeito de uma causa que tem correlação com a estupidez do ambiente da sociedade capitalista. É o seu epílogo.

E' inutil a oficialização do carnaval pelo governo. O povo tem o direito de se divertir, deve mesmo fazê-lo, mas sem que sobre as suas costas pese a bagagem de injustiças da sociedade capitalista.

Deve sentir a alegria de viver oriunda das suas necessidades satisfactas dos seus direitos respeitados, dos seus deveres compreendidos.

Não deve sentir fome, não deve sentir o cansaço de intermináveis horas de trabalho improdutivo e inútil, não deve sentir a todo instante o peso da lei a obrigar-l-o a submeter-se às mais absurdas exigências de uma concepção moral de eunucos e tiranos.

Três dias de loucura, de embriaguez do éter, de carriolas ao som de enfadonhos Zé-Pereiras, de arlequinhadas e zabumbas, não remediam a gravíssima situação de miseria que o povo atravessa.

Oficializando as bandalheiras, as cretinices, os desvios morais dessa loucura de três dias, pensam os governantes distrair as atenções do povo e desvia-lo da inquietação que predominava em todos os espíritos de procurar a solução dos problemas sociais.

Isto faz-me lembrar um quadro do pintor Daniel Sabater, que representa uma grande mesa, por cima da qual havia montes de papéis e pesados calhambeques de grossos volúmenes.

Rodeando a mesa, muito atentos a olhar para as espirais de fumo que se desprendiam de um turbulento onde ardiam hervas destinadas a bruxélos e adivinhações, varas cabeças de burros, com atitudes de investigadores da ciência, pareciam consultar os intrincados mistérios do futuro.

E Daniel Sabater, com uma visão profunda de psicologia artística, deu a esse quadro o título: LA SABIDURIA DE LOS GOVERNANTES.

Só uma sabedoria dessas poderia ter levado os homens do governo a dar ao povo as piruetas dos palhaços, o estrídio do delírio truânaco do carnaval, a embriaguez do éter, quando não tem pão e quando a liberdade está ameaçada pela lei monstro do reactionarismo clerical-fascista que se discute na Câmara dos Deputados. Quando a humanidade se preocupa em sair do bêco sem saída em que o capitalismo a colocou, os governos vão às cavernas do rei Momo, tiram-no da e prometem-lhe a reconquista do seu domínio de loucura, de delírio e estupidez, dizendo-lhe:

— Val, rei Momo. Espalha a demência entre o povo, faz perder o juizo a essa gente que não nos deixe xossegados.

— Que clam, que se divirtam, que pulem, que dançem, contanto que não venham agredir os ouvidos com greves, reivindicações e protestos.

### Corja de fargantes!

Eternos mascarados que só abandonais a máscara nasceas três dias de miseria moral durante os quais vos apresentais tal e qual sois: Palhaço! Não será dando ao povo o espetáculo dos cordões carnavalescos que a fome deixará de ultilar às portas dos palácios dourados onde se acumulam os tesouros com o produto do trabalho mal recompensado; em cuja fechada, em carácter que o povo já comprehende, se ostentam as palavras que hão de levar os famintos a derrubar o arsenal de mentiras e preconceitos do regime capitalista: EXPLORAÇÃO E TIRANIA.

SOUZA PASSOS

**2.º Piquê-nique de "A PLEBE"**

**Dia 17**  
**de**  
**MARÇO**

Como das outras vezes, os camaradas e amigos que queiram tomar parte nessa festa campestre e contribuir para a difusão de "A Plebe", devem adquirir os respetivos convites, pois a renda da porta é privativa do proprietário do Parque.

No Parque Jabaquara

## A comédia do corregedor

No dia 13 de fevereiro, às 8 horas da noite, verificaram-se uma grande balbúrdia no depósito de carne humana do gabinete de Investigações. Os carneiros, aos gritos, chamavam pelo nome de mai, de uma centena de desgraçados que se encontravam estivados como sardinha em lata, nos xadrezes cuja capacidade de espaço não vai além de 6 ou 7 metros quadrados e a do ar não alcança mais de 15 metros cúbicos. E nessas caixotes de cimento, sem ar e sem luz, chegava lávar de 8 e até 12 pessoas presas durante dias a fio.

E que, nesse dia, a polícia havia resolvido "desocupar" os xadrezes.

Para isso, dando-se pressa, fez-se jogar quasi todos os presos, fez-se o encarceramento do Paraiso. A dezena de horas na hora foi tirado "o lixo a uma limpeza nos micos".

Mas a verdade foi outra. E que existe em São Paulo um senhor qualquer que recebe bôa máquina mensalmente sob o título de Corregedor da Justiça. Esse cavalheiro havia recebido uma degencia de que lá, na rua dos Guzmões, havia xadrezes infectados. E ele, para fazer jus aos encarcerados, precisava ver que diabo havia por lá. E para não ser coibido de surpresa pelos bandoleiros que infestavam os carcereiros de São Paulo, fez anunciar a sua visita com antecedência. Foi por isso que "os srs. Delegados" tiveram evacuar a canhata que estava morando dentro dos cubículos e os transportaram para o Paraiso. Pôde assim evitar que alguns dos presos mais tagarela, dissessem ao sr. Corregedor algumas verdades que poderiam pôr em cheque a lisura do procedimento das autoridades policiais. Assim foi que se representou, mais uma vez, a comédia do Corregedor, que lá chegando achou tudo muito limpo e suficientemente espaçoso para as massas, parasitas, e os piolhos que lá ficaram sem poder comer as carnes dos detentos durante a visita honrosa do sr. Corregedor, que foi acompanhado de um promotor da justiça burguesa.

E a comédia continuará.

## Dr. Sabetudo...

### ANEDOTA

Um atropado muito calloso e cheio de pavidão, resiste a bala e a faca, no interior, no fundo de sua barriga.

Uma manhã, quando resolvi ir ao frigorífico, senti um calafrio e fui dar um banho, pelas redondezas. Quando voltei, no lugar em que estava com uma canela fritada.

Na noite, dormi, dormi, e um cão me atacou.

O animal não se intimidou com aquela bala e voltou a me atacar.

Quando fui para a cama, senti que a bala havia penetrado.

## Origem da propriedade

Numa época não muito remota, quando a etnografia se encerrava na bimídia e na antiguidade clássica, admitia-se evidentemente que o homem, por toda a parte e sempre, fora primeiramente caçador, depois pastor e seguidamente agricultor.

Apresento já não podemos achar semelhante graduação.

Sem dúvida, as primeiras bacias humanas viveram principalmente da caça e muitas vezes da pesca; mas eram sucesivamente feugadoras, e utilizavam grosseiramente as substâncias vegetais, bagas, raízes, etc., nem careciam de grande estorço intelectual para plantar e sementar algumas plantas úteis. Essas tentativas, a princípio fiziam-se muito cascadamente; não lhes ligavam grande importância, continuando a ser principalmente caçadores e guerreiros.

Os meios agrícolas, assim abandonados no cuidado e labor das mulheres, ordinariamente foi muito mais tarde que em certas regiões se chegou a domesticar os animais, mas este progresso não teve de regular e universal, houve fase pastoral, comum a todo o gênero humano.

Os maiores valores permitem-nos, raramente, as crianças e as mulheres. Podiam se trocar, porque as frequentes guerras, quando necessárias, permitiam substitui-las, porém os primeiros capitais seriamente acumulados foram os escravos, e a instituição de escravidão desenvolveu-se ainda, quando foi preciso executar penas e obter certos trabalhos, especialmente agrícolas.

Antes, preferia-se tratar e freqüentemente comer o escravo, porém quando a agricultura adquiriu certa importância, isso o trabalho servil caiu, e só as mulheres.

Então o labor agrícola teve maior extensão, e só ele resultaram novos capitais, acumulavam-se e multiplicavam.

Desde esse momento, para ser possível fazê-lo preciso ser rico, isto é, possuir escravos e sobre tudo escravos, e das mulheres e dos escravos, para arrepiar o solo, semeando e colhendo frutos.

Desde então, na gerarquia social, existiu uma base sólida — o capital individual.

As sociedades, e assim se criou

e pobres, e bem depressa os ricos se tornaram nobres, obedecendo a um único chefe, que era o principal proprietário.

Da usurpação em usurpação, este último acabou por tornar-se um seu aparte, por vezes uma personagem semi-divina, que em breve se arrogou o domínio supremo, outrora reivindicado pela comunidade, e tratou o vulgo de muito alto.

A partir d'este momento o antagonismo entre as tribus rivais não foi somente uma luta pela vida; muitas vezes teve por fim o enriquecimento pela captura de escravos e valores de troca. O saque dos vizinhos foi a grande origem do poder e da riqueza.

No mesmo tempo, a família, primeiramente maternal, emancipava-se da custódia parentais da tribo primitiva e o capital, geralmente muito mal adquirido, transmitia-se de pai a filho, do tio ao sobrinho, enfim, de pai a filhos.

Tais resultaram a instituição de castas hereditárias, e assim separou cada vez mais os seus particulares interesses, nos da comunidade.

Segundo um lugar comum, impulsionado por economistas, a origem primitiva da propriedade individual, fora o trabalho manual. Mas, pelo contrário, a sociologia etnográfica atesta e certifica, com provas numerosas, que a propriedade individual por pouco se via presente na origem da civilização e da usurpação.

O mais proposto foi de princípio e mais importante dos capitais e os primeiros trabalhos da agricultura foram exercitados, quasi nada espontaneamente, pelas mulheres e pelos escravos.

Sem dúvida, a ideia primária originária quisca da propriedade individual resultou justamente de um trabalho pessoal do fabrico das armas e utensílios, arranjados por seu proprietário, com quem se identificava e qualificava, etc., mas esta ideia amplificou-se e bem depressa se estenderam a todos os seres, de que os indivíduos se identificavam e os quais, festejando a origem da apropriação, obtinham em seu proveito.

Charles Letourneau

## ESTILHACOS...

### Ladrões de alta roda

"A condessa Salazar não roubou nenhuma joia — a história não lóra bem contada." (Dos jornais)

*Noticiaram os jornais, há poucos dias, Um caso escandaloso, roubo de joias. De uma joia que andou de feira em feira. De gente fina e ricas pedras.*

*Um caso de polícia, porcos. De condessas metidas em apuros. Para estorvar grandeza a pagar juros. Postando o "conto" e mais patifarias.*

*O que importa, porém, ao nosso caso. É ver como entre condes tudo acaba. Tudo se faz para não dar na vista.*

*Pois o que ontem era roubo limpo e raso. Uma extorsão artística e nababo. Foi um simples engano de corista.*

FREI JOÃO SEM CUIDADOS



## COMITÉ PRÓ PRESOS SOCIAIS

### 4. Balanço

#### ENTRADAS

Saldo do balanço anterior	1.200.000
Quintal já publicada no n.º 1 de "A Plebe".	
Lista n.º 5: Lapa.	400.000
Lista n.º 7: "A Plebe".	174.000
Lista n.º 4: Sorocaba.	121.000
Lista n.º 2: Campinas.	50.000
Lista n.º 3: Rio.	20.000
Lista n.º 1: "Lanterna".	20.000
Publicado no n.º 81 de "A Plebe".	132.000
Total das contribuições:	700.000
Coluna Liberdade da R. E. Aracaju:	200.000
Total em dia de serviço na Estação:	150.000
Ladrões da casa:	10.000
R. E. Rio Piedade:	10.000
Al. Ipiranga:	10.000
Total:	1.270.000

#### DESPESAS

Moradia, a um camarada de Maria Francisca.	100.000
Transportes.	100.000
Alimentação.	100.000
Imprensa.	10.000
Aluguel.	10.000
Outros.	10.000
Total:	230.000

#### CONTRIBUÇÕES

1.º dia	1.000.000
2.º dia	100.000
3.º dia	100.000
4.º dia	100.000
5.º dia	100.000

## Brinde de "A PLEBE"

Conforme temos publicado, essa feita hoje pelos camaradas da prisão, é a seguinte da festa de Carnaval, a despedida dos camaradas que não se conseguiram sair da "A Plebe".

Convidam a todos os amigos, familiares e amigos, a fazerem a festa, despedida, no dia 13 de julho, dia 100, das entradas da "A Plebe".



## A engrenagem estatal

Quando os anarquistas combatem o Estado, negando-lhe o direito de controlar a vida do indivíduo por ser uma instituição que funciona para impor pela força o direito do mais forte explorar o mais fraco, os patriarcas de todos os países vociferam insultos de todos os tamanhos.

O que menos dizem, é que são loucos! Entretanto, os como a pena de Fialho de Almeida, uns dos maiores escritores portugueses define em poucas palavras, o que é o Estado:

Hoje o Estado torna-se um poder seca-ante, ei-lo perseguindo-nos por toda a parte para nos impedir de fazer o que queremos: marchar, pensar, falar, viver; ei-lo legiferando para todos os atos de nossa vida, com tal montanha de leis, que toda a ação coordenante se perde, ei-lo errando maiores de empregados inúteis, burocracia,

exercito, excessos de magistratura, praga roedora que absorve tudo, devora tudo, com uma só religião, manterem-se, e do universo apena o apercebo de que se abrange através dosvidros dos seus antros.

De que serve elas, essa estatalafatosa máquina que se chama Estado?

Fialho de Almeida

## Necessidades urgentes

Depois de tanta destruição, originada pelas guerras imperialistas, a humanidade está encarando um momento agudo em sua história. E necessário que se comece a refletir, buscando a causa deste mal cruel, e que permita marcar um rumo mais certo para o estabelecimento da ordem no progresso.

No Brasil,

o sentimento de liberdade é um fato.

Montevideo

impõe-se à República

inteligentemente dirigida por políticos desviados do verdadeiro sentimento democrático e coletivo. O que fazer, portanto?

A ciência aumenta, dia a dia, os seus trunfos, os ricos de ensinamento e de qualidade tomam conta dos estudos e fazem, gloriosamente, a sua marcha.

Mais ainda por cada parte conta decadência e anota instabilidade. Isto porque vegetam na estagnação sua inércia, entímio, porque evitam ação, sem ideal que os dirija, como folhas dispersas no vento. Muitos portam alto salvo mesmo o que pode burlar, e a maior parte porque não tem a coragem precisa para fazer o que é dever. Isto impõe o maior descontentamento.

E qual é,民族, por si só, de uma nação?

Na Europa, de uma nação?

Na América, de uma nação?

Na África, de uma nação?

Na Ásia, de uma nação?

Na Oceania, de uma nação?

Na Austrália, de uma nação?

No Brasil, de uma nação?

Na Argentina, de uma nação?

No Chile, de uma nação?

No Uruguai, de uma nação?

No Paraguai, de uma nação?

No Peru, de uma nação?

No Bolívia, de uma nação?

No Equador, de uma nação?

No Brasil, de uma nação?

... e assim por diante.

# A arbitragem

## "O Evangelho à Hora"

Por iniciativa de um conselho de sacerdos se propõe que a cura das enfermidades de expressão apreendida por esse clero em suas ações e pregações, reflete o seu Evangelho. O resultado é que muitos que antes eram aparentemente devotos e piedosos, passaram a considerar que o Evangelho é de fato uma heresia.

O resultado da nova era é que não existem mais sacerdotes que possam ser considerados verdadeiros representantes do Evangelho.

Os resultados da nova era são: 1) que os sacerdotes que antes eram considerados verdadeiros representantes do Evangelho, passaram a considerar que o Evangelho é de fato uma heresia.

NÃO PODEM OPERAR NO MUNICÍPIO

## Munições para "A PLEBE"

ESTAMOS UNIDOS E VENCEREMOS NA RELEGA - S. Paulo

LOMAMANIA FESTA MILITAR, CARNAVAL

ESTAMOS UNIDOS E VENCEREMOS NA RELEGA - S. Paulo

NÓS SÓMOS A SALVAGEM

TODAS AS VILAS

ESTAMOS UNIDOS E VENCEREMOS NA RELEGA - S. Paulo

## Constatações à margem de uma carta acusatória

Incidentes da imprensa  
antifascista

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

